

A igualdade de género e os jovens: oportunidades e riscos da digitalização

Na União Europeia (UE), os jovens de ambos os sexos têm condições de igualdade no que diz respeito às competências digitais e ao acesso à Internet. Contudo, os seus comportamentos em linha diferem. Nove em cada dez jovens do sexo feminino (92%) e do sexo masculino (93%) usam a Internet diariamente. Esta geração, entre os 15 e os 24 anos de idade, é a mais competente em termos digitais da UE, sendo que 56% das jovens do sexo feminino e 58% dos jovens do sexo masculino possuem competências digitais acima da média.

Apesar da igualdade de acesso e de competências, os jovens do sexo masculino têm mais confiança nas suas competências digitais do que as jovens do sexo feminino. Por exemplo, 73% dos jovens do sexo masculino de 15-16 anos sentem-se à vontade a instalar *software* sozinhos, contra 49% das jovens do sexo feminino.

A música, o correio eletrónico e as redes sociais são atividades em linha igualmente populares entre os jovens de ambos os sexos. Contudo, noutras atividades observam-se grandes diferenças. Por exemplo, 67% dos jovens do sexo masculino jogam videojogos, contra 45% das jovens do sexo feminino, e 59% das jovens do sexo feminino procuram informações sobre saúde em linha, ao passo que apenas 44% dos jovens do sexo masculino o fazem.

Em que medida o espaço em linha difere para os jovens dos diferentes sexos?

Os jovens do sexo masculino são mais politicamente ativos em linha

Os espaços digitais são locais populares para os jovens se socializarem, e os jovens de ambos os sexos utilizam ativamente as redes

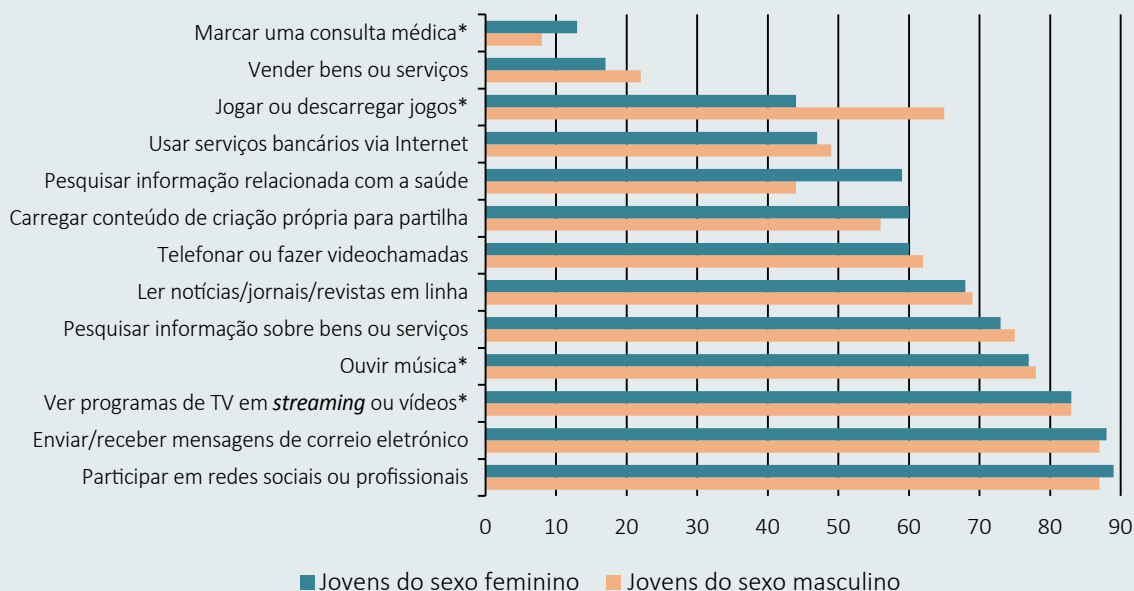


sociais, embora de diferentes formas. Mais jovens do sexo masculino (26%) do que do sexo feminino (18%) publicam comentários sobre artigos em linha ou através das redes sociais ou de blogues. Os jovens do sexo masculino também são mais suscetíveis de seguir debates nas redes sociais (55%), em comparação com as jovens do sexo feminino (46%). Além disso, os jovens publicam diferentes tipos de conteúdos em função do sexo. As jovens do sexo feminino (60%) carregam mais conteúdos da sua autoria, como fotografias, do que os jovens do sexo masculino (56%).

Seguindo a mesma tendência, menos jovens do sexo feminino do que do sexo masculino publicam opiniões sobre questões sociais ou políticas ou participam em votações em linha. As jovens do sexo feminino são mais suscetíveis de se censurarem, uma vez que têm em conta possíveis reações à sua participação política em linha.

«Também penso que o #MeToo adquiriu esta dimensão devido às redes sociais, o que é bom, porque a Internet oferece a possibilidade de falar publicamente» (rapariga, 17 anos, Áustria).

Figura 1. Atividades em linha realizadas por jovens de ambos os sexos de 16-24 anos de idade na UE-28 (2016-2017)



O abuso em linha reduz a participação digital dos jovens, sobretudo do sexo feminino

A ciberperseguição e a violência são um problema, e os comportamentos agressivos em linha estão a tornar-se uma ocorrência regular para os jovens. Os jovens do sexo masculino estão mais expostos do que as jovens do sexo feminino a materiais que promovem o ódio racial ou o extremismo religioso (25% e 20%, respetivamente). No entanto, mais jovens do sexo feminino (9%) do que do sexo masculino (6%) declaram terem sido vítimas de assédio em linha. No que diz respeito à partilha de imagens sem consentimento, 9% das raparigas de 15 anos afirmam que fotografias suas pouco lisonjeiras ou inapropriadas foram partilhadas sem autorização, contra 7% dos rapazes da mesma idade.



O abuso em linha muda o comportamento em linha dos jovens, incluindo a sua participação social e política. Após testemunhar ou ser vítima de discurso de ódio ou abuso em linha, uma em cada duas jovens do sexo feminino (51%) e 42% dos jovens do sexo masculino hesitam em participar em debates nas redes sociais, com receio de serem vítimas de abuso. Isto sugere que as jovens do sexo feminino participam menos em debates nas redes sociais como estratégia preventiva contra as críticas duras e as reações negativas.

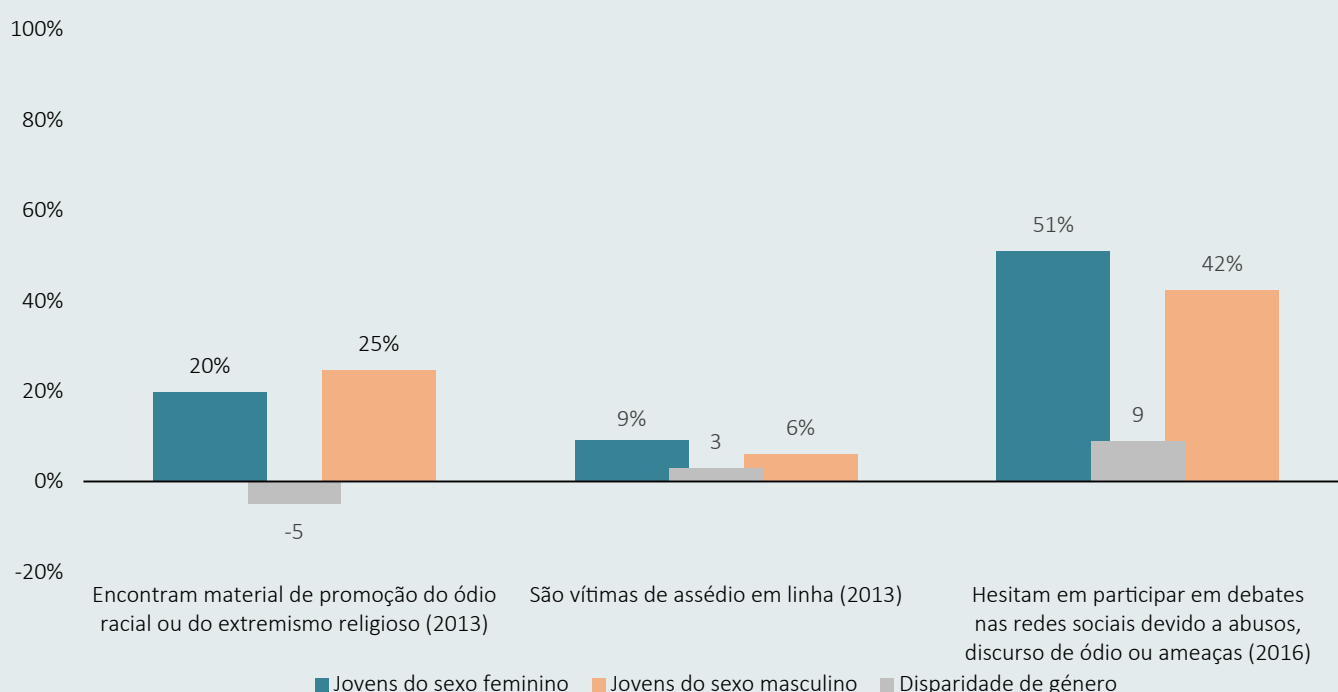
Os jovens também limitam o que manifestam em linha. As jovens do sexo feminino, mais do que os jovens do sexo masculino, automonitorizam os seus perfis nas redes sociais, o seu aspeto físico e as suas opiniões. No caso dos jovens do sexo masculino, a tendência é para ignorar e minimizar os abusos sofridos. A expectativa de que os jovens do sexo masculino devem «fazer-se homens» também pode dificultar a sua denúncia de abusos ou de ciberviolência dos quais tenham sido vítimas.

«Mas acho que os homens têm mais dificuldade em falar sobre as coisas. Mesmo que sejamos vítimas de abuso, não falamos sobre isso» (rapaz, 16 anos, Suécia).

As redes sociais reforçam os estereótipos de género

As redes sociais criam pressão tanto para as raparigas como para os rapazes, mas de formas diferentes. Reforçam padrões de beleza pouco saudáveis e exercem grande pressão junto das jovens do sexo feminino no que se refere à sua aparência física. As jo-

Figura 2. Problemas sofridos em linha por jovens de ambos os sexos de 15-24 anos de idade na UE-28 (2017)



Source: Eurobarómetro Especial 404; Eurobarómetro Especial 452.

Nota: As percentagens são calculadas para os indivíduos que testemunharam ou foram vítimas de discurso de ódio/abusos nas redes sociais para a terceira variável.

vens do sexo feminino são mais suscetíveis de estarem insatisfeitas com o seu corpo do que os jovens do sexo masculino da mesma idade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, entre os jovens de 15 anos de idade, quase uma em cada duas raparigas considera ser demasiado gorda, em comparação com um em cada quatro rapazes.

«Uma das minhas amigas compara-se sempre às outras, e eu sei que isso é mau para ela, porque tem uma autoestima muito baixa» (rapariga, 16 anos, Hungria).

Espera-se que as jovens do sexo feminino correspondam a padrões de beleza tradicionais, tenham relações românticas e vidas sociais intensas, contudo, serão mal vistas se ultrapassarem os limites expondo-se demasiado. Assim, censuram os seus perfis em linha na tentativa de equilibrar as recompensas sociais da autoexposição e o risco dos juízos severos.

Os jovens do sexo masculino são regularmente expostos a meios de comunicação social que tratam as mulheres como objetos e toleram a agressividade. Os grupos-alvo do EIGE demonstraram que os jovens do sexo masculino que não se conformam com o ideal de masculinidade apresentado em linha enfrentam pressão e arriscam-se a ser alvo de chacota por parte dos amigos.

A digitalização também define as relações sexuais e o modo como os jovens interagem entre si. Para alguns jovens de ambos os sexos, o envio de mensagens e conteúdos sexuais é uma forma de pressão social, enquanto para outros pode ser uma forma divertida e excitante de explorar as relações. As jovens do sexo feminino enfrentam duplos padrões. São humilhadas na Internet quando se apresentam como assertivas e confiantes na expressão das suas próprias necessidades e desejos sexuais. As regras do jogo são diferentes para os jovens do sexo masculino, que, em vez disso, são elogiados pelas suas façanhas. É comum

os rapazes serem pressionados pelos seus pares para obterem fotografias de raparigas nuas. Tanto as raparigas como os rapazes dos grupos-alvo mencionaram casos de raparigas que foram ameaçadas com a rutura da relação ou violência física caso se recusassem a enviar imagens de si próprias nuas.

O que podemos fazer para tornar os espaços em linha mais seguros para os jovens?

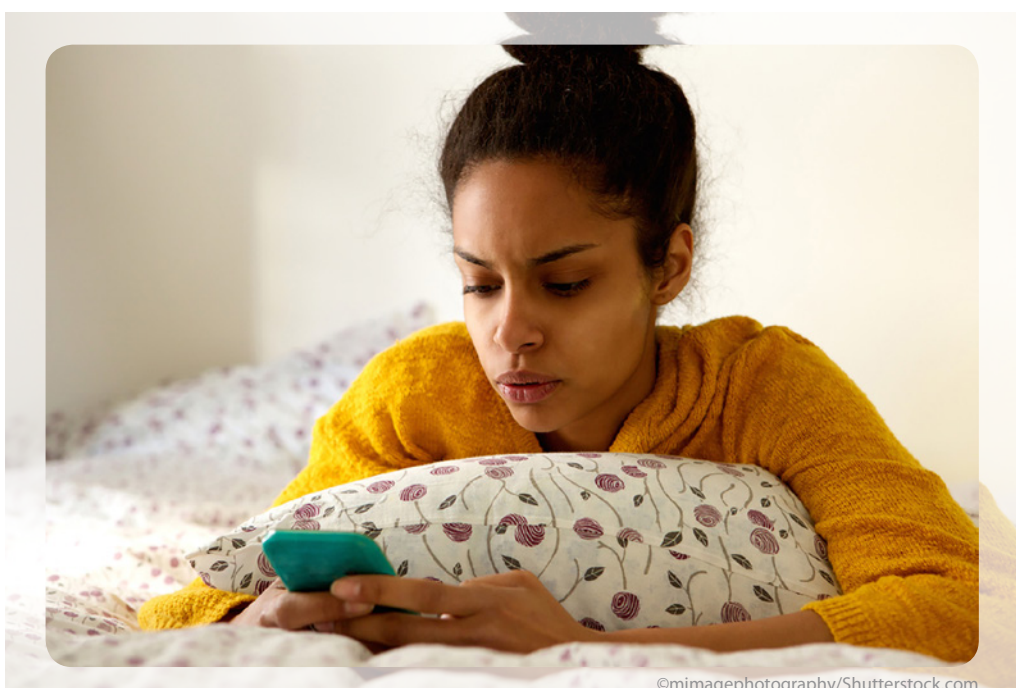
Reforçar a perspetiva de género nas políticas em matéria de juventude e digitalização

A igualdade de género deve sempre fazer parte das futuras estratégias e políticas da UE para a juventude. É necessário incluir uma perspetiva de género nas políticas digitais da UE, como a Agenda Digital para a Europa, o programa «Internet Mais Segura» e o Plano de Ação para a Educação Digital, para aumentar as oportunidades oferecidas pela digitalização e para reduzir os riscos. Para fazer da Internet um espaço mais seguro para os jovens de ambos os sexos, é também importante recolher dados e provas que permitam conceber medidas estratégicas e avaliar a sua eficácia.

Reconhecer a ciberviolência como uma forma de violência de género

A ciberviolência tem de ser reconhecida como uma forma de violência de género, e as várias formas de ciberviolência de género devem ser incluídas nas definições da UE de cibercriminalidade.

A conceção de instrumentos jurídicos é essencial para prevenir este tipo de violência e para julgar os agressores. Os esforços de



prevenção têm de ser apoiados através de campanhas de aplicação da lei e de sensibilização.

Para além do reforço da legislação, é necessário apoiar os jovens para que tomem consciência dos riscos da digitalização. É possível fazê-lo através de sessões de formação com professores sobre as desigualdades de género e os aspetos de género da digitalização. É igualmente importante chamar a atenção para o impacto da violência de género, bem como envolver homens e rapazes na solução para a violência contra mulheres e raparigas.

Apoiar a participação plena das jovens nos espaços digitais

Os espaços digitais amplificam as normas tradicionais de feminilidade e masculinidade, o que traz consequências para a participação dos jovens em linha. Para resolver esta questão, é necessário sensibilizar para os estereótipos tanto em linha como fora de linha, através da educação e da promoção de uma utilização da Internet segura e respeitadora.

O reforço da confiança das mulheres também é essencial para apoiar a sua plena participação em linha. Através da aprendizagem em linha, da exposição a ideias políticas, de debates e do ativismo, as mulheres podem ser encorajadas a tornar-se cidadãs ativas.



©LarsZ/Shutterstock.com



O EIGE elabora regularmente relatórios que examinam diferentes domínios da Plataforma de Ação de Pequim ou outras prioridades políticas da UE, tal como solicitado pelas presidências do Conselho da União Europeia. Esta ficha informativa baseia-se no relatório *Gender equality and youth: opportunities and risks of digitalisation* [A igualdade de género e os jovens: oportunidades e riscos da digitalização], elaborado a pedido da Presidência austríaca. O relatório explora o modo como as tecnologias digitais podem ser utilizadas para promover a igualdade de género e centra-se nos riscos da digitalização relacionados com o género para os jovens de ambos os sexos. O relatório contém mais informações sobre os dados mencionados no texto, incluindo referências exatas.

Outras publicações recentes:

- Women and men in ICT: a chance for better work-life balance [Mulheres e homens nas TIC: uma oportunidade para a melhor conciliação da vida profissional com a vida familiar] (2018)
- Study and work in the EU: set apart by gender [Estudar e trabalhar na UE: disparidades em função do género] (2018)
- Gender, skills and precarious work in the EU [Género, competências e trabalho precário na UE] (2017)
- Poverty, gender and intersecting inequalities in the EU [Pobreza, género e intersecção de desigualdades na UE] (2016)

Pode explorar todos os relatórios e publicações anteriores do EIGE nos domínios da Plataforma de Ação de Pequim no seguinte endereço: <http://eige.europa.eu/monitoring-the-bpfa>

Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE

O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) é o centro de conhecimento da UE no domínio das questões relacionadas com a igualdade de género. O EIGE apoia os decisores políticos e todas as instituições competentes nos seus esforços para tornar a igualdade entre mulheres e homens uma realidade para todos os cidadãos europeus, fornecendo-lhes competências específicas e dados comparáveis e fiáveis sobre a igualdade de género na Europa.

© Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE
Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.



Instituto Europeu para a Igualdade de Género, EIGE
Gedimino pr. 16
LT-01103 Vilnius
LITUÂNIA

Contact details

<http://eige.europa.eu> 
facebook.com/eige.europa.eu 
twitter.com/eurogender 
youtube.com/eurogender 
eige.sec@eige.europa.eu 
+370 52157444 